

## Algumas implicações clínicas do comportamento governado por regras \*

Roger L. Poppen

1. Embora os procedimentos e conceitos operantes tenham revolucionado a educação e o tratamento de indivíduos sobre os quais existe um grande grau de controle ambiental, eles tiveram pequeno impacto sobre o tratamento de pacientes ambulatoriais “neuróticos”. O clínico tem pequeno controle e, de fato, pequeno acesso ao ambiente de seus clientes. Como alternativa, procedimentos verbais tem sido desenvolvidos para servirem como mediadores entre a observação e o tratamento do cliente. Conceituações behavioristas radicais como comportamento verbal, eventos privados e comportamento controlado por regras poderiam ser muito úteis para estratégias de tratamento baseadas em verbalização.
2. Para Skinner, a psicologia cognitiva não é considerada diferente dos velhos conceitos mentalistas. Tendo escrito longamente sobre os “eventos privados”, Skinner os rejeita como “causas” ou, em termos mais técnicos, como variáveis independentes que afetam comportamento manifesto. Eles são criticados com base em: a. é uma falácia lógica assumir que simplesmente porque um evento ocorre antes de um segundo evento, ele é causa do segundo evento. A precedência é apenas um dos critérios de causalidade necessário, mas insuficiente; b. as pessoas tem dificuldades para discriminar e, portanto, não são confiáveis quando relatam suas experiências privadas. Skinner tem apontado o “problema da privacidade” como um problema para a comunidade verbal, que não tem acesso direto, nem independente às experiências internas de um indivíduo e, assim, tem que (must) basear-se em acompanhamentos públicos colaterais não confiáveis para ensiná-lo a discriminar o que está ocorrendo internamente; c. como um resultado dos problemas de verificação, eventos internos podem ser inventados, pelo próprio indivíduo ou por outros, de modo a ter exatamente as propriedades necessárias para explicar o comportamento público; d. recorrer a eventos internos inexatos ou inventados afastam a investigação dos fatores responsáveis pelo comportamento, a saber as contingências passadas e atuais.
3. *O problema da história.* O clínico tem problema de acesso e verificação não apenas com os eventos que estão ocorrendo debaixo da pele do indivíduo, mas também com os eventos do seu passado. A adesão do behaviorista à história, ao invés dos estados internos, como o local das variáveis controladoras críticas, não resolve estes problemas. As críticas de Skinner que a precedência não prova causalidade, que os relatos não são confiáveis, que há invenção espúria e explicações que afastam a investigação dos fatores críticos podem ser muito bem aplicados à história passada e aos eventos privados. Ao buscar informação tanto nos eventos privados, como nos passados, o clínico frequentemente tem que se basear no relato verbal do cliente sobre tais eventos.

---

\* Trechos traduzidos por Hélio José Guilhardi.

4. O *tato* é uma conceituação útil do relato verbal dos eventos com os quais um indivíduo tem contato exclusivo ou especial. A comunidade verbal de um indivíduo fornece reforçamento diferencial para a correspondência entre eventos e o relato deles. O estabelecimento de *tatos* para eventos passados pode ser mais fácil que para eventos privados porque em alguns exemplos a comunidade verbal teve contato direto com os eventos antecedentes. Compartilhar lembranças é um meio pelo qual *tatear* o passado pode ser desenvolvido. Uma mãe pode estimular uma criança a “contar para o papai onde fomos esta manhã” e prover feedback corretivo. Outros meios de verificação incluem procurar produtos de eventos passados. Um pai pode verificar o relato de uma criança do seu desempenho na escola examinando suas tarefas de casa e seu boletim acadêmico. Relatos de outros que compartilharam um evento particular podem ser procurados. O processo de reforçar *tatos* corretos de eventos passados continua através da vida da pessoa. Agências como departamentos de crédito, escolas de pós-graduação, editores de revistas, etc. estão interessados em *tatos* acurados da história educacional e financeira. Ao lado destas agências especiais, a comunidade verbal se baseia em comprovações intermitentes que ocorrem pelo testemunho e consistências casuais nas narrações sucessivas de um evento. “Contar a verdade” é uma virtude social, pela qual membros de uma comunidade verbal são estimulados pela estória e exemplo a se engajarem em uma classe de resposta generalizada caracterizada pelo *tato* acurado de eventos passados, mas como a maioria das virtudes, é uma frequentemente violada.
5. Há duas maiores fontes de imprecisão ao *tatear* eventos históricos, bem como internos. O primeiro é repertório limitado. Enquanto eventos privados podem ser aprendidos de forma vaga e inconsistente, os eventos passados podem “não ter produzido uma impressão” para se usar a metáfora da “tábula rasa”. Por exemplo, relatos de “testemunha ocular” sobre eventos excitantes são notadamente idiossincráticos e imprecisos. Outra fonte importante são as contingências para imprecisão. Da mesma maneira que os eventos internos podem ser inventados ou construídos equivocadamente quando há reforços imediatos para agir assim, eventos históricos podem da mesma forma serem esquecidos, construídos ou confabulados dependendo das contingências. Skinner descreveu o “controle pela audiência” do comportamento verbal. O que uma pessoa diz, neste caso sobre um evento passado, é apenas parcialmente determinado por aquele evento; outras variáveis importantes incluem as contingências manejadas por sua audiência presente e por audiências semelhantes no passado. Por ex., quando uma pessoa se lembra de alguma coisa previamente esquecida sob a cuidadosa orientação de um terapeuta, ele não está pescando memórias de algum canto remoto do cérebro, mas está respondendo às deixas e consequências de quem questiona. A reconstrução da experiência passada sob a influência da hipnose é especialmente sujeita às influências do questionador. O comportamento caloroso, receptivo e não crítico de um terapeuta é uma audiência apropriada para facilitar *tatos* precisos de eventos passados e internos. Mas, a tendência para falar o que o terapeuta deseja ouvir (ou o que ele não deseja ouvir em casos de “resistência”) é um problema sempre presente.

6. O conceito de “história” como um evento acessível evapora neste esquema. Ao analisar um tato de um evento histórico, o terapeuta defronta-se com o evento inacessível, com audiências anteriores inacessíveis e com as contingências da audiência corrente. Na prática, solicitamos à pessoa para relatar o evento passado, audiências passadas e, talvez, até mesmo julgamentos de sua certeza sobre os relatos; pesamos as congruências destes relatos à luz das contingências da audiência atual e nossa própria experiência com tais eventos, audiências e julgamentos; e, aceitamos ou rejeitamos os relatos e administramos as consequências de acordo. Da mesma forma que ocorre com os tatos de eventos privados, esta é uma empreitada aproximada.
7. Um outro caminho poderia ser a análise experimental de histórias de aprendizagem. A análise comportamental avançou pouco nesta direção. Os primeiros estudos experimentais evitaram os problemas de história usando organismos não humanos ingênuos e delineamentos experimentais que eliminavam os efeitos de experiências anterior sobre o comportamento em estudo enfocando o desempenho de “estados-estáveis”. Harold Weiner fez estudos pioneiros com sujeitos humanos, abrindo a porta para o estudo da “história” como uma variável importante em si mesma. Ele demonstrou relações sistemáticas entre desempenho nos esquemas de reforçamento em operação como uma função de experiência em esquemas de reforçamento anteriores. Tem-se proposto que tais efeitos de história são mediados pelas afirmações verbais da pessoa sobre as contingências. Esta pesquisa afirma a importância da história de aprendizagem na explicação do comportamento, mas também inclui a importância do comportamento verbal em conjunção com a história.
8. Em resumo: a invocação da história como uma alternativa observável e, portanto, preferível aos eventos privados, é de pequena vantagem quando encarada com um indivíduo com quem não tivemos contato anterior. Um terapeuta, é certo, tenta descobrir a história relevante, sujeita as limitações assinaladas. Temos também que reconhecer que os resultados daquela história podem ser correntemente representados por certos “estados” do indivíduo que podem ser assessados através de registro fisiológico ou através de auto-relato. A fome de hoje resulta da privação de ontem, a dor de dente de hoje da negligência em cuidar dele ontem, a culpa de hoje da punição de ontem, as crenças de hoje das doutrinações de ontem. Tais estados, de fato, “preenchem a lacuna” entre causas passadas e comportamento atual e são importantes por essa razão. Quando eventos distais são remotos, complexos e inacessíveis, eventos proximais são muito úteis. Como Skinner escreveu:

“Uma análise behaviorista não questiona a utilidade prática de relatos do mundo interno que é sentido e introspectivamente observado. São deixas (1) para comportamento passado e as condições que o afetam, (2) para comportamento corrente e as condições que o afetam e (3) para condições relacionadas com comportamento futuro”. (1974, p.31).

